

Fricções Internas & Guerra de Atrito. *The Taste of War*¹

Bernard Kœst

Tradução de Paulo César Marques Holanda

Resumo: No presente ensaio, o autor francês Bernard Kœst analisa seu próprio arquivo de imagens, atravessando as noções de fricção e guerra, para então cruzar as problemáticas presentes em sua produção artística com as notícias dos conflitos modernos apresentadas na TV. Seu depoimento subjetivo mostra-nos um testemunho de alguém que não esteve no front de batalha, mas que atua como um arqueólogo, escavando sentidos entre sua história familiar e pessoal com àquelas coletivas, numeralizadas e generalizadas, que por sua vez são comumente exibidas em coberturas jornalísticas. Em especial, Kœst debruça-se sobre sua obra *Taste of War*, adicionando em sua reflexão escrita, foto-grafias de soldados e vítimas feitas frente ao dispositivo televisivo.

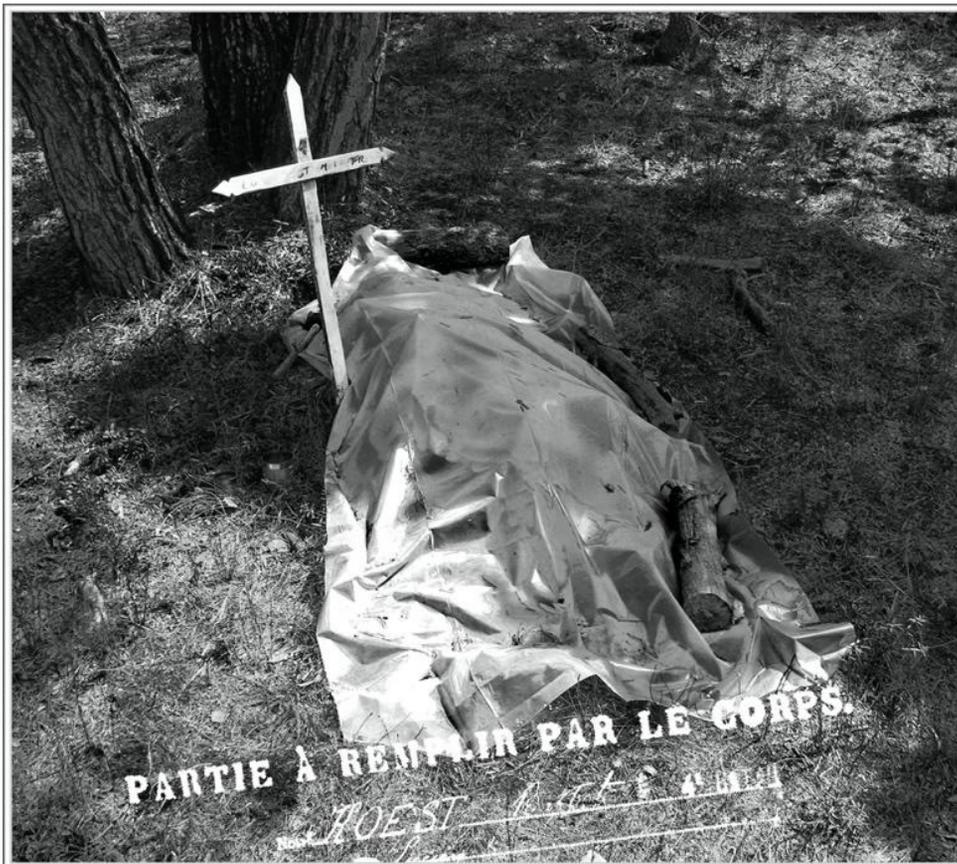
Palavras-Chave: Bernard Kœst; *The Taste of War*; guerra; fricção; imagem em movimento.

Abstract: *In this essay, French author Bernard Kœst analyzes his own archive of images, going through the notions of friction and war, and then crossing the problems present in his artistic production with the news of modern conflicts presented on TV. His subjective testimony shows us a testimony of someone who was not on the battlefield, but who acts as an archaeologist, excavating meanings between his family and personal history with those collective, numeralized and generalized ones, which in turn are commonly displayed in coverage. journalistic. In particular, Kœst focuses on his work *Taste of War*, adding in his written reflection, photographs of soldiers and victims taken in front of the television device.*

Keywords: Bernard Kœst; *The Taste of War*; war; friction; moving image.

DOI: 10.47456/rev.v19i29.43548

1 *The Taste Of War*, Video. 16min 22segs, 2006.
<https://vggbernardkoest.blogspot.com/2023/04/the-taste-of-war.html>.



Mergulhando em meus arquivos, senti que estava entrando em guerra. Mas contra quem? O espaço-tempo em que dormem velhas caixas e novas pastas? Os bits ilegíveis em velhos HDs externos? Contra o dínamo, aquele que fica preso antes de finalmente entrar em fricção?

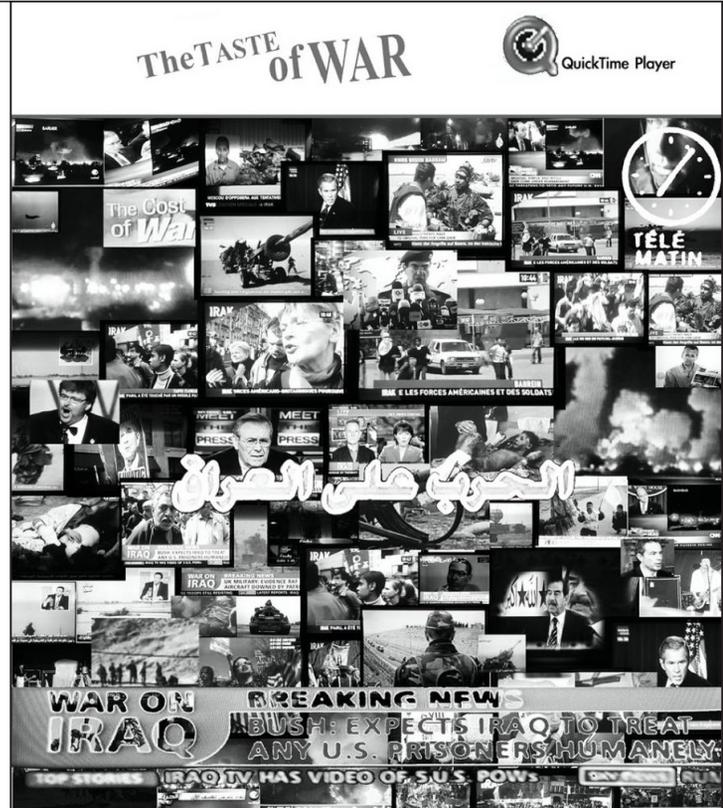
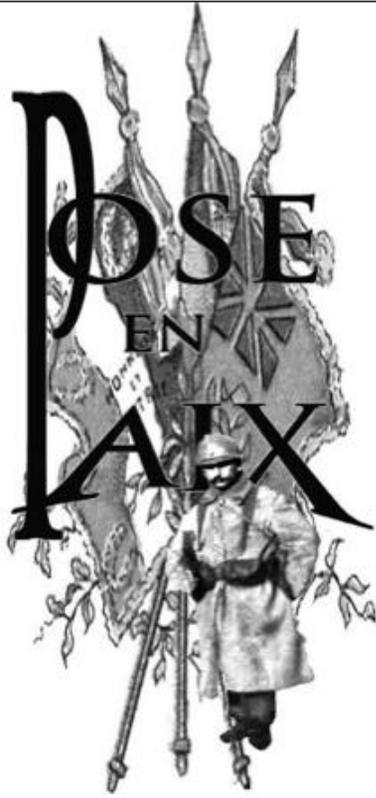
O que será das incessantes imagens televisuais das guerras em cursos, este ano da Ucrânia depois da Síria, e onde foram parar as das incessantes acumulações de todas as guerras anteriores, Afeganistão, Iugoslávia, Líbano, consideradas tediosas demais para o noticiário das oito horas?

Vistas de um avião, elas colidem e se engavetam a ponto de se tornarem irreconhecíveis, uma se sobrepondo à outra.

A primeira fricção é a dos tempos.

Quantos anos se passaram desde que dei uma sepultura efêmera e vazia a esse soldado conhecido que foi meu avô, morto por um obus em 1916 em minha instalação *Pose en Paix*.²

² *Pose En Paix*. Instalação e livro de artista, 2006. Dossiê icônico da revista de semiologia *Protée*, 2009. <<https://vggbernardkoest.blogspot.com/2011/11/pose-en-paix.html>>.



No meu HD externo, o alaranjado, encontramos essas imagens, todas datadas de 2011, do dia da sua gravação pelo recuperador louco e muito venal que as ressuscitou da destruição inesperada do meu disco preto de então. Nada mudou, a técnica nos mantém em seu poder, nós bem sabemos, nós outros nascidos no século XX: afinal, nossos compactos já riscavam em nossos toca-discos portáteis de 45 rotações.

Escondido lá no meio, meu vídeo *The Taste Of War* esperava apenas para renascer que alguém acionasse o motor de busca; motor de fricção, é claro, como o dos carrinhos de fricção que saem em disparada assim que a gente os solta depois de puxá-los com força para trás.

Para parecer sério, era preciso datar a criação (não 2011), bancar o arqueólogo que, de escova de dentes na mão, também fricciona os fragmentos disseminados pelo uso. Esfregando bem, pode-se encontrar sua cronologia perturbadora no desfile de nossos atos, exposições, escritos, performances; como no front, onde às vezes somos pegos de surpresa. Não, nem tudo é de ontem.

The Taste Of War: 2006

Com ou sem óculos, a primeira visualização é turva, tudo embaçado, podíamos ver bem nossos olhos lacrimejando.

Isto não é um problema da antena mal ajustada. A gravação deve ter sido simplesmente comprimida, a velocidade da comunicação possui um problema, sem dúvida; é como se as imagens tivessem desgastadas, como se alguém as tivesse esfregado, friccionado o filme (se fosse emulsão de prata), ou melhor, desgastado entre elas, as imagens.

A pesquisa muitas das vezes assume alhures bizarros, aqui, estupidamente arquivando perguntas. A exploração de pasta por pasta em todos os suportes acumulados desde a criação do vídeo, não se mostrou totalmente infrutífera já que a possibilidade em parar imagens me permitiu reler alguns extravios e algumas pepitas, reativando – e também ativando – caminhos do trabalho ... mas nada mais, nada absolutamente nada quanto à esse *The Taste Of War*, nem uma migalha, nem um *rush*, e nem uma boa versão sobretudo, a pesada; esvaziada rapidamente de uma pasta a outra.

Restam aqui e ali, nos armários dos grandes estúdios, filmes de guerra cuja cópia está muito danificada para ser restaurada e que acabará em pó. Que eles descansem em paz.

Vamos testar nossa sorte, esta versão certamente está corrompida, mas sobreviveu. Vamos até o fim. Como eu, encontre a paciência, mas sobretudo, eu espero o sabor, *the taste*, e como compreendi enquanto assistia, no final das contas é melhor assim. A distância por vezes nos permite um outro olhar.

Preto. Primeira (não-)imagem onde no escuro somente a voz emerge “minhas irmãs ...” ela diz, e algumas linhas ou trinta segundos depois, “a noite, eu escuto você”.

Silêncio, mas é certo, a leitura vai durar o tempo todo, sabemos que, da mesma forma, nós iremos escutar.

Um *poilu* e sua bandeira duas vezes e rapidamente, como uma palma, anunciam o desbotamento para o branco, “Ação!”

Fricções do preto e branco, do texto e das próximas imagens ainda imaginadas, fricção forçada conosco, presa por alvos.

Mas é diferente, cinco segundos antes do branco, a trilha sonora toma outro caminho, a música de um acorde de violão toma seu lugar, se enriquece, recomeça, e nós os sabemos também desde as primeiras medidas, seus cachos vão nos acariciar o tempo todo.

Um tímido tapete de órgão, o início dos arpejos, uma pequena voz muito delicada ao fundo tranquiliza... e ainda assim esperamos, ombros recolhidos, os acordes elétricos que já compreendemos a escansão, como nos abrigos onde sabemos que as bombas explodem após o apito.



Fricção de sons entre eles, nos aquecem desde já os ouvidos, o músico³ decide essa tensão, esperamos o resto, o título é docemente indicado no curso da bolsa de ações, devemos respirar fundo.

Mas como veremos, tudo se repete – como o rio, o banhista o sabe – e, misturada com a música, eis a primeira *Lettre d'Insomnie*⁴. Serão dezessete.

Sua leitura dará o tom, não jornalístico, um pouco linear, não muito literário, e sem qualquer ligação particular com a aparência das imagens.

Mulheres corajosas escrevem no fogo cruzado de guerreiras de todos os tipos, de épocas e de países variados, todas diferentes, todas juntas, elas se esfregam os ombros, suas ansiedades, nossa tranquilidade, seus sofrimentos e nossa paz em fricções são compreendidas.

Nesta atmosfera instável, então, duas mãos anunciam a cor: Elas se acotovelam por um minuto entre pequenos quadrados coloridos, imagens, fotos, fragmentos em vez, sob um fundo neutro. Elas se acotovelam e friccionam, literalmente, buscando unir algum deles, buscando um sentido nesse caos.

Cento e vinte imagens fixas vão seguir, sucederão, se empurrarão, como se estivessem num banco de títulos.

3 Paulo Mondano, *Aux caprices du vent*, extrato. *Totem*, 2005.

4 Sylvie Koest, *Lettres d'Insomnie*. Éditions Rose & Noir, 2005.



Imagens de imagens, essas são fotografias de telas de televisão tiradas em 2003 durante a primeira guerra do Iraque.

Essas estranhas vistas de cima se misturam, ilegíveis passando do verde ao vermelho (as cirúrgicas), soldados, muitas vezes esperando, jornalistas, apresentadores do plano americano, suas bandeiras e mesas financeiras, os feridos, civis e militares, não sabemos bem, manifestações anti-guerra de todos os países, os poderosos mais ou menos com caras de zumbis ... em soma, tudo que permite capturar os viciados para canais de notícias 24 horas, geralmente norte-americanos.

A renderização fotográfica bizarra da passagem pela tela de raios catódicos combinada com a varredura luminosa contribui para o desconforto (e mais, contribui para a péssima definição). Esquecemos o contexto atual, nós não estaríamos longe de “realmente” assistir à guerra.

Desordenadas, as imagens avançam uma após a outra, em geral no sentido da leitura, com alguns flashbacks, como por destacar a anterior que teríamos visto rapidamente, elas mudam com as transições jornalísticas clássicas, crossfades, em preto, em branco, varreduras de todos os tipos, rotativas, centrais etc. quando elas não se sobrepõem. Algumas são repetidas, ampliadas, salpicadas de raros movimentos vibratórios.

Nós progredimos no presente, no coração do país em guerra, no front, mas em calma. É na tv. Passivos e ativos. Poderíamos facilmente acreditar que somos

correspondentes de guerra.

Mas qual delas? A leitura não deixa nenhuma dúvida, cada uma dessas mulheres escrevendo do coração de diferentes guerras, nos diz bem que tudo isso são guerras. Da guerra.

Soma-se as conclusões numéricas das mortes ao final de cada carta que chega perturbando o desenrolar hipnótico da música que nunca enfraquece, certa e assustadora. Não sabemos se ela torna o caminho doloroso para nós ou o contrário, enquanto ao passarmos, reconhecemos esta ou aquela visão cujo reaparecimento seria quase relaxante.

Enquanto avançamos, nos instalamos em dois lugares em nós mesmos, ansiedade ou indiferença, voyeurismo ou compaixão. A fricção poderia causar tais efeitos, nos tornando alternadamente tão diferentes?

É este o segredo de nossos manipuladores?

Várias vezes durante o acampamento e durante cerca de um minuto, saímos do movimento das imagens fixas para encontrar, mais e mais compreensível, o movimento das mãos que mais ou menos agitam nervosamente os pequenos pedaços de fotografias, onde por acaso podemos reconhecer que este é um detalhe de uma imagem já visualizada.

Elas procuram uma nova maneira de reunir e, mesmo que nunca consigam, é quase um suspiro, acreditar que a ação representa um remédio possível.

A fricção talvez só seja produtiva se for disciplinada.

A menos de três minutos do fim, como as tropas em retirada, as imagens fixas retomam seu curso. Mas para trás, da direita para a esquerda, por vezes até um obstáculo, pressionado por sabe-se lá qual medo. A sua fricção acelera, voltaremos a encontrar todos, agora quase familiares, as “notícias” de sempre; enquanto a música, ela, resta imperturbável, e as palavras dessas mulheres com a voz de homem também.

A guerra chegou ao fim? Quem é o vencedor? Uma guerra só termina em vitória?

O herói sempre morre no final? Quem vai enterrar o machado de guerra? Foi por magia que o Tomahawk se tornou um míssil?

É o baile da terça-feira, dia de março; baionetas, batalhas e trincheiras.

É a dança das perguntas e das fricções.

Assim, certas revistas para crianças já nos questionavam com essa sorte de enigmas, onde tínhamos que encontrar o coelho que se escondia do caçador em uma gravura (na maioria das vezes ao virar a página o víamos na árvore). Um pouco parecido, você talvez tenha adivinhado que duas imagens deslizadas entraram no fluxo do vídeo. Elas nos mostram as vacas, em paz nos seus prados helvéticos, um contraponto que, como os animais de La Fontaine, poderiam muito bem falar de nós.

Mas, muito antes disso e mais subliminar, a primeira imagem não é fotográfica: é uma pintura inspirada na fotografia das imagens aqui utilizadas pelo artista





Jacques Gastinel.

Sob um fundo em suas cores, e que figuram motivos das guerras babilônicas com as decorações de seus heroicos guerreiros.

A arqueologia está ressurgindo. Das profundezas digitais eu teria encontrado um vídeo datado, como a guerra, do início dos tempos?

Última manipulação dos quadrinhos, zoom no céu de cinzas, escurecendo nossa insignificante felpuda bandeira. E na última imagem, The Cost Of War, anunciamos a cor: fazemos as contas.

Contamos os mortos:

- 28 de outubro de 1681. Argel (Argélia). Metade da cidade está destruída. O número de mortos é desconhecido.
- 31 de agosto de 2004. Waradesch (Afganistão). 8 mortos.
- 26 de junho de 1918. Paris (França). Contagem de vítimas não realizada.
- 7 de maio de 1999. Belgrado (Sérvia). Bombardeio da embaixada chinesa. 44 mortos.
- 13 de fevereiro de 1945. Dresden (Alemanha). Entre 35.000 e 130.000 mortos.
- 8 de fevereiro de 1958. Sarhiet Sidi Youssef (Tunísia). 61 mortos.
- 19 de maio de 2004. Bagdá (Iraque). 40 mortos, incluindo 15 crianças.
- 6 de agosto de 1945. Horoshima (Japão). 140.000 mortos. O número de pessoas irradiadas é desconhecido.



- 8 de abril de 2003. Bagdá (Iraque). Um jornalista morto.
- 4 de agosto de 1914. Philippeville (Argélia). Morte de 17 zuavos e 4 civis.
- 29 de junho de 1966. Haifong (Vietnã do Norte). Os mortos não foram contabilizados.
- 20 de agosto de 1998. Al Shifa (Sudão). 13 mortos.
- 18 de abril de 1944. Athis-Mons (França). 1.383 mortos.
- 25 de julho de 2002. Gaza (Palestina). 15 mortos, incluindo 9 crianças. Alguns dias antes, atentado ao Dolphinarium. Jerusalém (Israel). 21 mortos, incluindo 10 menores.
- 26 de abril de 1937. Guernica (País Basco). 1.600 mortos.
- 14 de abril de 1999. Djakovica (Ex-Iugoslávia). 600 mortos.
- 10 de março de 2014. Colônia (Suíça). O número de vítimas ainda é desconhecido.⁵

Genérico. A música para.

“Minhas irmãs” ... a insônia avisa ... “veja você à noite”.

Bernard Køest

Sauvessanges, terça-feira, 18 de abril de 2023.

Bernard Køest

É artista – videasta, fotógrafo e poeta... – membro de RETiiNA.International. Suas pesquisas sobre questões da referência na fotografia levaram-no a importantes trabalhos sobre as fronteiras entre a experiência pessoal e a transmissão artística. Participa de numerosas exposições na França e no exterior.

E-mail: bernard.koest@gmail.com

⁵ Sylvie Køest, *Lettres d'Insomnie*. Éditions Rose & Noir, 2005.